

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Com real barato, empresas estrangeiras procuram executivos brasileiros

As possibilidades trazidas pelo home office (que permite que se trabalhe em qualquer lugar) e a expressiva desvalorização do real em relação ao dólar (o que tornou a mão de obra brasileira mais barata) têm levado empresas de diversas partes do mundo a procurar profissionais no Brasil. Segundo especialistas, a procura internacional se concentra em áreas como finanças, tecnologia, comunicação e marketing. Já há executivos do país liderando equipes globais a partir de suas casas em solo brasileiro. Para os contratados — chamados no mercado de expatriados virtuais —, as vantagens são incontestáveis, como a possibilidade de receber em moeda forte, como euro ou dólar, e a preservação do contato com familiares e amigos. “Em um cenário de emprego escasso no Brasil, o movimento também representa uma chance única para quem busca boas colocações”, afirma Eduardo Tancinsky, consultor especializado em marcas.



Atletas descobrem o mercado de cannabis

Os atletas estão atentos ao mercado de cannabis. Em junho, o fundo MadFish, do tenista Bruno Soares, dono de três títulos Grand Slam no currículo, liderou um aporte de R\$ 12 milhões na Ease Labs, farmacêutica que produz medicamentos à base do produto. No basquete, os astros da NBA John Wall e Carmelo Anthony participaram em 2021 de uma rodada de US\$ 5 milhões na californiana LEUNE. No futebol, o inglês David Beckham é sócio da Cellular Goods, fabricante de cosméticos de cannabis.

Europeus enfrentam caos nos aeroportos

As cenas lembram os piores momentos do caos aéreo no Brasil: aeroportos lotados, filas intermináveis, bagagens extraviadas. É isso o que enfrentam os viajantes que passam pelos terminais europeus em plenas férias de verão. Apenas no último sábado, cerca de 100 voos foram cancelados em Lisboa, Madri e Paris. Na capital espanhola, os tripulantes das companhias de baixo custo Ryanair e EasyJet entraram em greve por aumento nos salários e melhores condições de trabalho.

Setor aéreo supera níveis pré-pandemia

A oferta de assentos em voos no mercado doméstico brasileiro finalmente superou os níveis pré-pandemia. Em maio, conforme dados apurados pela Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o indicador ASK (assento-quilômetro) subiu 6% diante do mesmo mês de 2019. Ou seja: há três anos o setor estava em queda livre ou sem sair do lugar. A Latam liderou o mercado brasileiro pelo critério RPK (passageiros-quilômetro), com participação de 33,7%, à frente da Azul (33,3%) e da Gol (32,6%).

RAPIDINHAS

- » O comércio eletrônico não matou as lojas físicas, ao contrário do que projetaram muitos analistas. Uma pesquisa da fintech Superdigital mostrou que elas responderam por 87% das vendas do varejo em maio. Na verdade, a solução vencedora parece ser a que combina os dois canais — os físicos e digitais. É assim no Brasil e no mundo.
- » Embora seja a terceira maior fabricante de motocicletas do mundo — atrás das japonesas Honda e Suzuki —, a Indiana Bajaj Auto é desconhecida no Brasil. Isso deverá mudar. A empresa vai instalar uma linha de montagem no Polo Industrial de Manaus, que deverá abastecer o mercado brasileiro ainda em 2022.
- » As exportações de petróleo bruto do Brasil totalizaram 5,8 milhões de toneladas em junho, o que representa uma queda de 27,7% em relação mesmo mês de 2021. Os dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), contudo, mostram um recuo de receitas bem menor, de 2,9%. Isso ocorreu devido ao aumento do preço do combustível no mercado internacional.
- » O começo do fim dos carros a combustão tem data marcada para ocorrer: 2035. Em decisão histórica, os 27 ministros do meio ambiente da União Europeia assinaram um acordo para proibir a venda de novos veículos que emitam CO2 a partir daquele ano. Alguns países, como Itália e Alemanha, pretendem antecipar a medida.

AFP



Temos uma nova lei que permitiu até mais uma geração adquirir a nacionalidade portuguesa. E o brasileiro tem hoje hipóteses mais amplas para poder ter a residência, para ter os seus documentos formais e circular na Europa"

Marcelo Rebelo de Sousa, presidente de Portugal, ao ressaltar que os brasileiros são bem-vindos no país

US\$ 81,5 bilhões

é a previsão de superávit da balança comercial (exportações menos importações) em 2022, segundo o Ministério da Economia. Se o número se confirmar, será o melhor resultado anual desde o início da série histórica, em 1989

» Entrevista | GUSTAVO FRANCO | ECONOMISTA

Um dos principais articuladores do Plano Real, lançado há 28 anos, alerta sobre os riscos de não se combater a inflação. Segundo ele, a crise global não vai lançar o país em uma recessão duradoura, mas é preciso repensar os planos para o futuro

“A prosperidade não está garantida”

» ROSANA HESSEL

O economista Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central e sócio fundador da gestora de investimentos Rio Bravo, teve participação central na formulação, operacionalização e administração do Plano Real, que interrompeu o processo hiperinflacionário que o Brasil viveu entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990. Saímos da cracolândia monetária”, diz. “Outro desafio será chegar às Olimpíadas, já que os vícios daqueles tempos tiveram consequências duradouras sobre a nossa saúde econômica.”

De acordo com o economista, é preciso repensar os planos para o futuro diante dos riscos de uma desaceleração global e até de recessão no país em 2023, no contexto atual de piora do quadro fiscal. “Não acredito em recessão duradoura, mas a nossa prosperidade não está garantida”, alerta. A seguir, a entrevista de Gustavo Franco concedida ao Correio:

Quais os maiores desafios da operação de guerra que foi o início do Plano Real? Que lembranças o senhor guarda dessa época?

A lembrança que domina todas as outras é a do tamanho da desgraça, uma espécie de Cracolândia monetária. Era o fim da linha. Acho que esgotamos todo o dicionário em matéria de erros macroeconômicos e levamos o país para uma trajetória terminal. Ainda sinto arrepios de

pensar na encrenca que foi combater tantos problemas, tudo ao mesmo tempo, e com tanta gente achando que não era isso tudo (fenômeno que nos acostumamos a descrever como negacionismo). Como se houvesse uma fina neblina encobrindo e diminuindo o problema.

Depois de 28 anos, podemos afirmar que o Plano Real foi bem sucedido, apesar da escalada recente da inflação? Que desafios estabilidade da moeda ainda enfrenta?

É claro que foi (bem sucedido). Saímos de uma situação de quase-colaço e voltamos à normalidade em muitos assuntos, começando pela inflação. Não significa que todos os problemas estão resolvidos, nem que nunca mais vamos errar. Saímos da Cracolândia, o que foi uma grande vitória. Outro desafio será chegar às Olimpíadas, já que os vícios daqueles tempos tiveram consequências duradouras sobre a nossa saúde econômica.

Hoje vemos a inflação voltando a dois dígitos e o Banco Central não conseguindo cumprir as metas por mais de um ano consecutivo, apesar do forte aperto monetário. O que está acontecendo?

É outro ambiente, muito perigoso, já que essa pequena dosagem da mesma droga que já nos fez tanto mal pode trazer complicações desproporcionais. Claro que há risco de perda de controle, como no caso dos “ex-alcoólatras”. Mas o Banco Central tem feito a sua parte. Essa batalha

Arquivo Pessoal



mais recente está pelo meio do caminho, é importante, pois é o primeiro Banco Central com autonomia (mandatos que entram pelo próximo governo), mas tudo indica que terá sucesso em controlar a inflação.

Para onde vai a inflação? A população já está incomodada com a perda do poder de compra e os pobres, como sempre, são os maiores prejudicados.

A população brasileira é hipersensível à inflação, e por boas razões. Não há família brasileira que não tenha uma história ou uma experiência muito triste associada à inflação. Isso

confere certa base para a construção política das políticas de estabilização e para as instituições que defendem a moeda. Mas, infelizmente, a memória da tragédia vai ficando para trás, o que apenas favorece o negacionismo.

Qual o maior legado do Plano Real, na sua avaliação?

A defesa do poder de compra da moeda em caráter permanente, feita através de uma reorganização institucional, com vistas a proteger o cidadão dos excessos gerados em Brasília. Parece banal em nossos dias, mas era um sonho em 1993.



Saímos da cracolândia monetária, o que foi uma grande vitória. Outro desafio será chegar às Olimpíadas, já que os vícios daqueles tempos tiveram consequências duradouras sobre a nossa saúde econômica”

Como o senhor avalia a movimentação do governo para criar pacotes de bondades que devem desequilibrar o quadro fiscal em 2023? E como o próximo governo, seja qual for, conseguirá lidar com essa bomba fiscal?

Avalio com muita preocupação, e não apenas pelo impacto fiscal direto do “pacote”. Há o problema de se banalizar tanto a “emergência” quanto as PECs. Tem havido uma tendência preocupante, desde o início da pandemia, de se fazer política econômica através de emendas constitucionais. Isso é muito perigoso, pois as coisas deixam de

ter limites, os pesos e contrapesos (lei eleitoral, Lei de Responsabilidade Fiscal) ficam enfraquecidos.

Diante desse cenário de piora dos riscos fiscais em um ano eleitoral, há perigo da volta da hiperinflação ou ela foi definitivamente controlada?

Não creio no retorno da hiper. Leva muitos anos para construir uma catástrofe como a hiperinflação, acho que o país não seria capaz de repetir tantos erros, pois as pessoas e as instituições aprenderam. O “peso político” da inflação é gigantesco, e a minha experiência é de que o combate à inflação sempre vence as eleições. A experiência do real foi preciosa nesse sentido, seja para demonstrar o quanto a inflação é danosa para a população, ou como é bom viver sem inflação, seja para atestar que existe uma polpuda recompensa política em se trabalhar contra a inflação e não a favor dela.

Quais suas perspectivas para as economias brasileira e global? Há riscos de recessão em 2023?

As perspectivas já foram melhores. Estamos perdendo tempo, hesitando diante de reformas e agendas que foram lançadas 28 anos atrás, de sorte a reconstruir a prosperidade junto com a moeda. Passou tanto tempo que precisaremos reformar a ideia de reforma e repensar nossos planos para o futuro. Não acredito em recessão duradoura, mas a nossa prosperidade não está garantida.